II Colóquio do Grupo de Pesquisa Religiões, Identidades e Diálogos

Recife, 17 e 18 de novembro de 2016

NEOATEÍSMO E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Max Weydson Farias Rodrigues,
Mestre em Ciências da Religião, Unicap.

Resumo

O artigo a seguir busca uma análise crítica sobre o movimento que ficou conhecido por Neoateísmo, sobretudo a partir da sua relação com a religião. O movimento surgiu nos Estados Unidos da América, no início do século XXI, e ganhou notoriedade internacional após o sucesso de vários livros de seus autores que denunciavam supostos danos sociais inaceitáveis das religiões. A retórica do movimento baseia-se no antagonismo entre ciência e religião para validar sua crítica, e na tese de que a religião é um atraso para a humanidade. Nosso objetivo nessa abordagem é, além de analisar criticamente os argumentos do movimento, com ênfase nos textos de Richard Dawkins, que é considerado o líder do Neoateísmo, sobre religião e ciência, pensar sobre os limites e objetivos do método científico, assim como sua relação com o fenômeno religioso, e como o caminho para uma interpretação sobre a religião deve passar longe de qualquer abordagem simplista e intolerante.

Palavras-chave: ciência. Religião. Darwinismo.

Alister McGrath, Neo-ateísmo e Metodologia

Como objetivo proposto, buscaremos demonstrar e discutir as críticas feitas por Alister McGrath sobre as idéias defendidas pelo movimento do neo-ateísmo. McGrath é atualmente diretor do Wycliffe Hall, Oxford, e professor associado do Centro para Teologia, Religião e Cultura no King's College, em Londres. Ele possui formação acadêmica tanto em Química como em Ciências da Religião. Sua obra é conhecida internacionalmente tanto por sua busca em construir um diálogo entre Fé e Ciência, como nos esforços para divulgação da ciência para um público não especializado. A partir de 2010 ele passou a escrever livros e artigos criticando o que ele entende por excesso dos argumentos dos neo-ateus, sobretudo o uso indevido do conceito de *darwinismo* pelo grupo. Assim, para esse objetivo,

seguiremos a metodologia da Análise de Conteúdo segundo Laurence Bardin (BARDIN, 2009). A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Desse modo pretendemos abordar em nossa análise os conteúdos manifestos (explícitos), pois acreditamos que é dele que se deve partir (tal como se manifesta) e não falar através do texto num exercício de mera projeção subjetiva. Segundo Bardin, a análise de conteúdo como conjunto de técnicas se vale da comunicação como ponto de partida. Diferente de outras técnicas, como a estocagem ou indexação de informações e a crítica literária, é sempre feita a partir da mensagem e tem por finalidade a produção de inferências. A autora diz: "O ato de inferir significa a realização de uma operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude de sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras" (BARDIN, 2009, p. 19).

Assim, produzir inferências sobre o texto objetivo é a razão de ser da análise de conteúdo, pois confere ao método relevância teórica, implicando pelo menos uma comparação onde a informação puramente descritiva sobre o conteúdo é de pouco valor. Um dado sobre conteúdo de uma comunicação é sem valor até que seja vinculado a outro e esse vínculo é representado por alguma forma de teoria (FRANCO, 1986). Segundo este ponto de vista, produzir inferência, em análise de conteúdo significa, não somente produzir suposições subliminares acerca de determinada mensagem, mas em embasá-las com pressupostos teóricos de diversas concepções de mundo e com as situações concretas de seus produtores ou receptores. Situação concreta que é visualizada segundo o contexto histórico e social de sua produção e recepção.

Os textos de McGrath que usaremos para analisar serão, sobretudo, seus livros publicados na última década. A crítica do autor não foi extensiva e exaustiva sobre todos os autores do movimento. Ele concentrou suas críticas principalmente ao britânico Richard Dawkins, que sem dúvida é o representante mais famoso e polêmico do neo-ateísmo. As críticas ao

movimento como todo seguiram, geralmente, de forma indireta a partir das críticas aos livros de Dawkins. Assim também seguiremos esse recorte e concentraremos nossa análise sobre as críticas diretas de McGrath ao neo-ateu britânico.

Dawkins e o Gene Egoísta.

É importante, antes de pontuar nosso objetivo, traçar um breve histórico da produção de Richard Dawkins até chegar em suas críticas à Religião (DAWKINS , 2015). Dawkins nasceu no Quênia em 26 de março de 1941, filho de dois britânicos. Formou-se em Zoologia em 1962 em Oxford, e se tornou pesquisador no Departamento de Zoologia da mesma instituição. Ainda na mesma Universidade Dawkins defendeu sua tese de doutorado inserido na corrente científica chamada Etologia, que é o estudo dos padrões de comportamento animal em ambientes naturais, com ênfase na análise da adaptação e da evolução de padrões. O objetivo de Dawkins era entender que mecanismo poderia ser proposto para explicar o modo como um pintinho bica conforme os estímulos a sua volta. Em sua tese Dawkins chegou à conclusão de que a maneira mais criativa de considerar a evolução e o modo mais inspirador de ensiná-la era ver todo o processo a partir da perspectiva do gene. Os genes, segundo o autor, manipulam e dirigem os corpos que os contêm e os carregam. Ao longo de suas obras posteriores, sobretudo o já clássico o Gene Egoísta, Dawkins desenvolveu a retórica da visão das coisas pelo olho do gene, não apenas para seres humanos, mas para todos os seres vivos. Os organismos, segundo essa perspectiva, podem ser reduzidos a genes, e os genes à informação digital. Dawkins declara:

> A vida é apenas bytes e bytes de bytes de informação digital. Os genes são pura informação digital – informação que pode ser codificada, recodificada e decodificada, sem qualquer degradação ou mudança de significado. [...] Nós – e isso significa todas as coisas vivas – somos máquinas de

> sobrevivência programadas para disseminar o banco de dados digitais que fez a programação. O darwinismo é visto agora como a sobrevivência dos sobreviventes ao nível do puro código digital (DAWKINS, 2003, p. 19).

Para Dawkins, a base lógica mais satisfatória do processo evolutivo é estruturada nos termos das linguagens de gene. As mudanças necessárias para que a evolução se desenvolva ocorrem de forma muito lenta. Ele defende que a vida de um organismo individual ou de um grupo de organismos é muito curta se comparada ao tempo exigido para a ocorrência das mudanças. Isso requer, então, uma unidade de transmissão genética estável e de longo prazo, e apenas as linhagens de gene podem satisfazer essa condição. Para Dawkins, portanto, a evolução é a luta de linhagens de gene para se reproduzir.

Em o Gene Egoísta, sua grande obra, Dawkins propôs o que ficou conhecido por *Etologia do gene*. Tal teoria considera um organismo individual como uma máquina de sobrevivência. Sua idéia é que as características individuais são geneticamente determinadas e, em conseqüência, podem contribuir ou não para que aquela linhagem de genes tenha êxito. Devemos "assimilar profundamente a verdade fundamental de que um organismo é uma ferramenta do DNA, e não o contrário". A evolução, portanto, ocorre quando propriedades geneticamente produzidas são passadas para a próxima geração. No seu livro Dawkins ainda defende que os genes se comportam como se fossem egoístas, apesar de enfatizar que não se deve pensar em genes como agentes conscientes ou com propósitos.

A crítica de Alister McGrath

Segunda McGrath, Richard Dawkins extrapola os limites de uma abordagem científica de sua teoria, e interpreta o darwinismo além de uma teoria científica provisória. Para ele Dawkins utiliza a teoria de Darwin como

uma visão de mundo, uma explicação total da realidade. Para ele o darwinismo é um princípio universal e infinito, capaz de ser aplicado a todo o universo. Enquanto a maioria dos biólogos evolutivos e outros pesquisadores da área defendem que o darwinismo oferece uma descrição provisória da realidade, Dawkins insistiria que ele proporciona mais do que isso: o darwinismo é uma *explicação.*

Para McGrath, Dawkins pensa na teoria da evolução, ou pelo menos sua interpretação, como uma *metanarrativa* – uma estrutura totalizante através da qual as grandes perguntas da vida devem ser avaliadas e *respondidas*. McGrath afirma que Richard Dawkins acredita que as ciências naturais podem esclarecer quase todos os aspectos do mecanismo evolutivo, e que o desenvolvimento científico progride tão rápido que dificilmente os atuais enigmas se manterão por muito tempo sem explicação. E, segundo o neo-ateu, quando esse mecanismo é compreendido, a própria noção de *propósito* deve ser declarada sem desnecessária. No entanto, essa ilusão de um plano intencional pode ser facilmente explicada com base no resultado de mutações acidentais por enormes períodos de tempo. McGrath aponta que Dawkins é efetivamente crítico em relação aos que argumentam que, como a ciência não pode responder questões sobre a razão das coisas, deve então haver outra disciplina qualificada para fazê-lo. Nenhuma resposta é possível, exceto a resposta darwinista da seleção natural. McGrath cita, por exemplo, uma breve declaração de Dawkins à Rádio BBC em 2003 onde ele afirma a suficiência da perspectiva evolucionista na explicação de todas as coisas:

> Devemos nos alegrar com o surpreendente privilégio de que desfrutamos. Nascemos e vamos morrer. Mas antes de morrer temos tempo para entender, em primeiro lugar, por que nascemos. Tempo para entender o universo que nascemos. E, com essa compreensão, finalmente podemos crescer e perceber que não há qualquer ajuda além de nossos esforços (McGRATH, 2008, p. 56).

Dawkins afirma que não estamos aqui por causa de algum princípio superior ao da seleção natural, pela qual nossos antepassados distantes puderam aumentar a representação de seus genes às custas dos outros. Logo, a conclusão segue-se: "Não há nenhuma explicação das coisas que seja mais elevada nem mais profunda do que esta" (McGRATH, 2008, p. 57).

Assim, a partir dessa leitura de Dawkins do darwinismo como metanarrativa, ou simplesmente uma teoria explicativa de qualquer aspecto da humanidade, ele lança sua crítica ao fenômeno religioso, seguindo nesse mesmo caminho pelos outros acadêmicos que formam o grupo conhecido por neo-ateus. Apesar dele, desde seus primeiros trabalhos acadêmicos, inserir veladamente uma crítica à religião, é a partir dos atentados terroristas de 2001 em Nova York que ele começa a escrever de maneira incisiva sobre as religiões, sobretudo as grandes religiões monoteístas. E é também sobre esses escritos que McGrath desenvolve mais críticas sobre a abordagem dawkiniana.

De maneira geral Richard Dawkins acredita que o darwinismo leva necessariamente a uma concepção ateísta. E o Neo-ateísmo, declara McGrath, faz um apelo retórico às ciências naturais como a única base para a verdade confiável – uma visão que também é conhecida por cientificismo (McGRATH, 2008, p. 82). O Neo-ateísmo defende a rejeição da crença religiosa como superstição sem evidência, e, segundo essa perspectiva, a ciência não exige compromissos de fé; na verdade, sua ênfase nas evidências empíricas é inimiga da fé. Dawkins defende firmemente a tese, que segundo McGrath não tem fundamento nos fatos históricos, de que a Ciência e a Fé estão permanentemente em conflito. E ainda segundo McGrath esse é um dos vários pontos do neo-ateísmo que está em desacordo com os estudos acadêmicos modernos. Dawkins chega a declarar que cientistas que promovem uma relação de trabalho positiva entre a Ciência e a Religião podem ser comparados ao primeiro ministro britânico

Neville Chamberlain em sua tentativa de apaziguar Adolf Hitler (DAWKINS, 2007, p. 188).

E Dawkins, seguindo sua leitura do darwinismo como metanarrativa busca explicar a religião em um contexto evolutivo. E, ainda segundo ele, a religião é um subproduto acidental do desenvolvimento humano que não deu certo. Segundo McGrath a análise de Dawkins se apóia nos princípios gerais da religião que ele encontra no livro *O ramo de Ouro*, de James Frazer. McGrath afirma que Dawkins depende da teoria de Frazer para defender seu ponto de vista (McGRATH, 2008, p. 98). A insistência de Frazer de que a religião pode ser reduzida a algum único traço universal abre a porta para Dawkins propor sua explicação darwinista, e assim desenvolver uma perspectiva reducionista de um fenômeno tão complexo. McGrath, então, afirma que é no mínimo estranho que Dawkins tente se apoiar em pressuposições do Século XIX, e que hoje em dia já foi rejeitada pela maioria dos antropólogos contemporâneos que estudam a religião (McGRAH, 2008, p. 110). Segundo ele, a religião não apresenta as características universais defendidas por Frazer, e utilizadas por Dawkins. Esse pressuposto frazeano de similaridade essencial das principais carências do homem em todos os tempos pode se ajustar à agente anti-religiosa de Dawkins e do neo-ateísmo, mas não se ajusta aos fatos.

E o ponto mais dramático da crítica de Dawkins é sua afirmação de que a idéia de um Deus criador, pessoal e intervencionista, comum entre Judeus, Cristãos e Islâmicos, é, na verdade um vírus que invadiu o replicador genético do ser humano, e posteriormente os replicadores culturais (DAWKINS, 2006, p. 101). Segundo Dawkins, a religião dos primeiros Homo sapiens, que surgiu sob uma perspectiva mitológica, devido à falta de conhecimento racional, serviu para desenvolver explicações sobrenaturais para a existência das coisas e de suas próprias vidas. E essa perspectiva religiosa acabou se replicando de maneira viral de geração em geração. Mas hoje, com o advento do pensamento científico, que é suficiente para explicar todas as coisas, não precisamos mais dessas

crenças mitológicas. Daí a analogia com o vírus. McGrath, por sua vez, declara que esse argumento dawkiniano resume-se a pouco mais que uma insinuação velada no lugar de uma análise rigorosa e racional com base em evidências, e, assim, os argumentos de Dawkins sucumbem diante da ausência dessas fontes (McGRATH, 2008, p. 120).

Considerações finais

A partir das críticas de Alister McGrath aos pressupostos do neo-ateísmo, sobretudo do britânico Richard Dawkins, somos impelidos a refletir sobre os objetivos, implicações e limites do método científico. Acreditamos, assim como McGrath, que o método científico é incapaz de expedir uma sentença decisiva ou valorativa sobre a questão de Deus. Aqueles que acreditam que a ciência pode provar ou refutar a existência de Deus pressionam o método para além de seus limites legítimos. Se a questão sobre Deus puder ser solucionada, deverá ser por outras bases. Alister McGrath, por exemplo, defende que essa perspectiva não é nova, e já era bem compreendida já no tempo de Darwin. Ele cita T. H. Husley, que inclusive era reconhecido em seu tempo como um dos maiores defensores do darwinismo, recebendo o apelido de *Buldogue de Darwin*. Husley escreveu em 1880:

> O agnosticismo é da essência da ciência. Ele simplesmente significa que um homem não dirá que sabe algo ou nele acredita se não possuir uma base científica para o declarar saber ou acreditar. Por conseguinte, o agnosticismo não só afasta a maior parte da teologia popular, mas também a maior parte da anti-teologia (DAWKINS, 2008, p. 70).

Nessa mesma perspectiva podemos citar outro autor mais contemporâneo. Stephen Jay Gould escreveu uma crítica em 1992 sobre um trabalho anti-religioso o seguinte:

> Preciso dizer isto para todos os meus colegas e pela milionésima vez (desde os bate-papos na faculdade até os mais doutos tratados): a ciência simplesmente não pode (através de seus legítimos métodos) decidir a respeito da questão da possível ingerência de Deus sobre a natureza. Nós nem podemos afirmar ou negar isso. Como cientistas não podemos comentar sobre essa matéria (GOULD, 1992, p. 118-121).

Também concordamos com McGrath que Dawkins extrapolou a natureza da Teoria Geral da Seleção Natural, desenvolvida por Darwin, que trata-se de uma teoria científica provisória, baseada em evidências disponíveis e atualizadas, sobre a origem das espécies, para transformá-la em uma espécie de teoria explicativa de todas as coisas. Além de extrapolar as próprias intenções de Charles Darwin, ainda extrapola os limites de uma abordagem genuinamente científica.

Evocamos aqui outro pensador e pesquisador para corroborar nossas considerações, e dessa vez um autor tupiniquim. Marcelo Gleiser é professor de física teórica no Dartmouth College, em Hanover, e ficou nacionalmente conhecido após apresentar programas televisivos sobre ciência, e se tornar colunista do Jornal Folha de São Paulo. Em um artigo publicado no jornal em 2010 ele afirmou:

> A ciência não tem uma agenda contra a religião. Ela se propõe simplesmente a interpretar a natureza, expandindo nosso conhecimento do mundo natural. Sua missão é aliviar o sofrimento humano, aumentando o conforto das pessoas, desenvolvendo técnicas de produção avançadas, ajudando no combate às doenças, por exemplo (GLEISER, 2010).

Marcelo Gleiser também escreveu um artigo no mesmo Jornal sobre o movimento do Neo-ateísmo, e que ele intitulou de Ateísmo Radical. No artigo ele afirma que a atitude belicosa e intolerante de Richard Dawkins só causa mais intolerância e confusão. Seu grande erro é negar a necessidade que a maioria absoluta das pessoas tem de associar uma dimensão espiritual às suas vidas. Ainda sobre Dawkins ele afirma:

> Para ele, a ciência é um clube fechado, onde só entram aqueles que seguem os preceitos do seu ateísmo, tão radical e intolerante quanto qualquer extremismo religioso. Dawkins prega a intolerância completa no que diz respeito à fé, exatamente a mesma intolerância a que se opõe (GLEISER, 2006).

O que concluismo, então, é que devemos rejeitar o radicalismo dos neo-ateus tanto em relação ao uso do darwinismo como metanarrativa, ou uma teoria explicativa de tudo, como em relação à sua abordagem sobre o fenômeno religioso. A religião não é um fenômeno uniforme. Podemos encontrar várias semelhanças entre as primeiras religiões, e até mesmo entre as atuais, mas não estamos certos de que todas as religiões possuem a mesma causa de surgimento. Certamente há vários especialistas capazes de identificar as razões e contextos do surgimento das religiões, negando, assim, a teoria reducionista de Dawkins. Mas esse não é nosso foco aqui. O que desejamos afirmar é que seria muito temerário e equivocado afirmar que a religião não passa de algo desnecessário na vida do ser humano, e deveria não apenas ser negada, mas combatida, como afirma o movimento do neo-ateísmo. E o que torna mais inválido esse argumento são as pressuposições retóricas do grupo, usando indevidamente um discurso pretensamente científico, que esperamos ter deixado claro ao longo do texto, sobretudo com base nas críticas de McGrath, que partem muito mais de uma ideologia anti-religiosa do que um raciocínio fundado em bases legitimamente científicas, ou mesmo racionais.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Augusto Pinheiro, 6 ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BRAGA, Ivan Serra. **Ateísmo e Evolução**. Notas críticas sobre o ateísmo militante de nossos tempos. 1 ed. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2012.

COMTE-SPONVILLE, André. O Espírito do Ateísmo. Tradução por Eduardo Brandão, 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. **A persistência dos deuses**. Religião, cultura e natureza. 1 ed. São Paulo: UNESP, 2004.

DAWKINS, Richard. **Deus - Um delírio**. Tradução por Fernanda Ravagnari, 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Evolução**. Tradução por Laura Teixeira Motta, 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Fome de Saber**. A formação de um cientista – memórias. Tradução por Erico Assis. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. **O Gene Egoísta.** Tradução por Rejane Rubino. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **O relojoeiro cego.** Tradução por Laura Teixeira Motta, 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **O Capelão do Diabo**. Tradução por Rejane Rubino, 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **The God Delusion.** 1 ed. Boston: Houghton Miffin, 2006.

FRANCO, M. **O que é análise de conteúdo?** São Paulo: EDUC, 1986.

GLEISER, Marcelo. **Sobre a Crença e a Ciência**. In: Folha de São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2803201003.htm>. Acesso em 10 de Julho de 2015.

GLEISER, Marcelo. **Ateísmo Radical**. In: Folha de São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2611200601.htm>. Acesso em 10 de Julho de 2015.

HARRISON, Peter. **Ciência e Religião**. Tradução de Eduardo Rodrigues da Cruz, 1 ed. São Paulo: Idéias e Letras, 2014.

JAPIASSU, Hilton. **Ciências**. Questões impertinentes. 1 ed. São Paulo: Idéias e Letras, 2011.

McGRATH, Alister. **Darwinism and The Divine.** Evolutionary Thought and Natural Theology. 1 ed. Oxford: Wiley Blackwell, 2011.

_____. **O Deus de Dawkins.** Genes, Memes e o sentido da vida. Tradução por Sueli Saraiva, 1 ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

_____. **O delírio de Dawkins.** Uma resposta ao fundamentalismo ateísta de Richard Dawkins. Tradução por Sueli Saraiva, 1 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

_____. **The Twilight of Atheism**. The Rise and Fall of Disbelief in the Modern World. 1 ed. Nova York: Doubleday, 2004.

MINOIS, Georges. **História do Ateísmo.** Tradução por Flavia Nascimento Falleiros, 1 ed. São Paulo: UNESP, 2014.

SIEGMUND, Georg. **O Ateísmo Moderno**. História e Psicanálise. Tradução por Bruno Rabuske. 1 ed. São Paulo: Loyola, 1966.